



AS INTERFACES DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

José Edson de Albuquerque Araújo¹
Francisca Gomes Torres Filha²
Edjânio Chaves Pinto³

Resumo

O trabalho visa fazer uma breve reflexão sobre a Teologia da Libertação (TdL), tendo por base uma pesquisa teórica que teve como objeto uma revisão de literatura em torno das experiências e do desenrolar dessa teologia na América Latina. É um breve exame crítico da TdL, enfocando principalmente sua origem e seu desenrolar, tanto na América Latina como no Brasil. O que se apresenta no decorrer de todo trabalho é que a TdL não é somente um enfoque epistemológico sobre noções teológicas; é, antes de tudo, um compromisso da Igreja com os pobres e oprimidos. Os grandes temas da Igreja dos últimos anos são pensados e refletidos, como o compromisso com os direitos humanos e a encarnação nas bases populares, a realidade das comunidades eclesiais de base, tendo como norte o pensamento libertador da TdL e o legado fundamental e inegociável da opção pelos pobres.

Palavras-Chave: Teologia da Libertação. Opção pelos pobres. América Latina.

INTRODUÇÃO

A TdL foi o sinal de um novo momento da história da Igreja na América Latina. Apresenta-se com a originalidade de incluir, como inerente a ela, a situação histórica e a realidade social dos povos latino-americanos. Apresenta-se, talvez, pela primeira vez como teologia especificamente “latino-americana”. Não no sentido de romper, de alguma forma, a catolicidade de toda autêntica teologia, mas no sentido

¹ Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UERN), Licenciado em Teologia (CENPACRE), aluno de Ciências da Religião (UNICAP), Professor da SEEC – CEJA Professor Alfredo Simonetti (12° DIREC), Praça D. João Costa, S/N - Bairro Santo Antônio, Mossoró-RN. E-mail: albuquerque.meioambiente@gmail.com

² Doutoranda em Ciências Sociais e Comunicação (Universidade do Minho), Licenciada em Teologia (CENPACRE), Professora IFRN, R. Raimundo Firmino de Oliveira, 400 - Conjunto Ulrick Graff, Mossoró-RN. E-mail: francisca.torres@ifrn.edu.br

³ Especialista em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade EJA (IFRN), Licenciado em Teologia (CENPACRE), Professor da SEEC – (13° DIREC), Rua São João Batista, 27 – Centro, Apodi-RN. E-mail: edjaniocp@yahoo.com.br



ST 3: RELIGIÃO, FÉ, POLÍTICA E PROFETISMO

de uma teologia elaborada “a partir” das Igrejas da América Latina, que vivem uma situação pastoral comum e original.

Passadas algumas décadas, observar as interfaces através das quais a TdL tornou-se conhecida e, sobremaneira, pinçar alguns elementos de seu legado, ajuda a compreender algumas de suas bandeiras de luta. Conhecer tais questões contribui ainda para compreender a forma pela qual as alas mais conservadoras da Igreja e, boa parte de seu corpo hierárquico, se opuseram a muitas das questões que a TdL abordava.

Este trabalho tem como intuito apresentar uma breve reflexão sobre a TdL, tendo por base as experiências e o desenrolar dessa Teologia no subcontinente latino.

1 ORIGENS DA TdL

Os antecedentes longínquos da TdL são encontrados no século XVI, nas origens do Cristianismo no continente. Uma das preocupações dominantes dos missionários, e também de muitos teólogos na Espanha, foi a de formular as exigências da fé e da missão, diante da realidade social e pastoral caracterizada pela conquista e evangelização dos índios, que condicionou a prática pastoral dos grandes missionários.

A preocupação básica dos primeiros evangelizadores era elaborar uma teologia que estabelecesse os direitos humanos dos índios⁴, que desse uma interpretação cristã à nova situação a que estavam submetidos, assim como à situação dos seus conquistadores “encomendeiros” era, ainda, justificar, em nome do evangelho, o impulso profético e frequentemente conflitivo dos missionários que defendiam os oprimidos, lutavam pela justiça e emprestavam o poder.

⁴ No século XVI existiam duas correntes em que uma consistia no simétrico invertido da outra, a “recusa do estranho” e a fascinação pelo estranho.



ST 3: RELIGIÃO, FÉ, POLÍTICA E PROFETISMO

[...] Nos países colonizados e à margem do grande curso da história e da Igreja central ganhou, por força da encarnação nas culturas locais, traços africanos, asiáticos e índio-afro-americanos nas Américas. Nestas igrejas vive mais da metade dos cristãos, de sorte que atualmente podemos afirmar que o cristianismo é uma religião do Terceiro e Quarto Mundos e não mais dos países centrais do Hemisfério Norte. (BOFF, 2011, p.152)

Com a TdL o grito dos pobres torna-se ouvido. Contribuindo na construção da reflexão, Spivak (2010) ressalta que a fala do silenciado não pode ser ouvida por meio daqueles que intermediam o acesso, o caminho entre opressor e oprimido. No processo de desconstrução da condição de subalternidade, um dos aspectos fundamentais é o protagonismo na fala por parte dos silenciados.

Existe uma TdL no Gênesis quando Deus escuta o clamor de Abel e interpela Caim: Onde está teu irmão? Existe TdL quando Deus incita Moisés a libertar o povo cativo no Egito. Também quando anuncia pelos profetas a libertação do povo da Babilônia. E na luta dos Macabeus, percebe-se também a Teologia que visa à libertação e a prega.

Em termos cronológicos, pode-se dizer, no entanto, que a TdL começa a operar como um conceito a partir da década de 60, de modo especial apoiando-se no que se considerou com real avanço no campo das transformações sociais dentro do Concílio Ecumênico Vaticano II⁵. Todavia, sua formulação e desenvolvimento chegam ao auge a partir da Conferência Episcopal de Medellín (1968).⁶

1.1 As Bases Ideológicas da TdL

A TdL vem ouvir o clamor dos pobres principalmente no terceiro mundo. Ela deseja aproximar povos distantes (pobres e ricos). Ela inquieta muitas consciências. Não é somente uma preocupação teórica, e sim, um interesse de transformação da realidade; por isso põe o indivíduo acima da lei e do tempo. Por outro lado, deseja

⁵ Concílio Ecumênico realizado entre 1962 e 1965 que produziu enormes transformações na Igreja Católica.

⁶ Conferência Episcopal Latinoamericana realizado em 1968 à luz do Vaticano II.



ST 3: RELIGIÃO, FÉ, POLÍTICA E PROFETISMO

mostrar que a pobreza conscientemente assumida representa uma força fundamental para a transformação social. Essa transformação, a partir dos pobres, com eles e para eles; converte-se num sinal do Reino de Deus. Os pobres estão deste modo, sendo o sujeito de sua própria libertação. Não é luta de ódio ao opressor, mas sim, de amor ao oprimido. Não é só iluminação, é, antes de tudo, um chamado à conversão em favor dos pobres. Através da TdL, podemos perceber que a autoconsciência eclesial não é indiferente ao presente e ao futuro do povo majoritariamente oprimido.

Entretanto, em meio ao aproximar-se da perspectiva ideológica do marxismo, a TdL sofre uma aversão por parte da Igreja hegemônica, sobremaneira do topo hierárquico, e, mais especificamente, da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé que, por intermédio de seu então Prefeito o Cardeal Joseph Ratzinger, inicia um processo de combate a esta práxis teológica a qual o mesmo chamou de desvio.

A presente Instrução tem uma finalidade mais precisa e mais limitada: quer chamar a atenção dos pastores, dos teólogos e de todos os fiéis, para os desvios e perigos de desvio, prejudiciais à fé e à vida cristã, inerentes a certas formas da TdL que usam, de maneira insuficientemente crítica, conceitos assumidos de diversas correntes do pensamento marxista. (RATZINGER, 2019)

Com base em uma reflexão que busca harmonizar reflexões enraizadas na Igreja nascente, das primeiras comunidades, da vivência do Evangelho e a crítica marxista sobre a sociedade, a TdL sintetiza as grandes linhas da evolução histórica da Igreja em três modalidades: a primeira refere-se à tomada de consciência que a igreja realiza a partir do interior de si mesma. É a época da cristandade ou nova cristandade eclesiocentrista. Cristo aparece acima de tudo como fundador. Entende-se a obra missionária como a incorporação dos povos à igreja. A segunda cristaliza-se em torno do Vaticano II é uma consciência da parte externa. E a terceira – na



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 3: RELIGIÃO, FÉ, POLÍTICA E PROFETISMO

186

qual nasce a TdL – é que finalmente, a igreja foi tomando consciência de si mesma a partir da base, dos pobres deste mundo.

A TdL trata de compreender criticamente a situação, mediante as ciências histórico-sociais. Não vê o mundo como um progressivo avanço em direção ao futuro, mas como uma realidade de opressão violenta e injusta que deve ser entendida como pecado.

A TdL não nasceu voluntariamente, porém com o propósito de responder aos desafios da sociedade oprimida e com a contribuição própria, sob o enfoque no processo maior de libertação que se articula em outros campos da vida do povo. Surgiu de uma profunda experiência espiritual: a sensibilidade e o amor pelos pobres que compõem a enorme maioria do nosso continente.

No afã de descobrir os mecanismos geradores da pobreza, a TdL viu-se obrigada a procurar uma racionalidade, mais pertinente que aquela que a tradição teológica oferecia pela filosofia. Esta não perdeu sua função; ganhou outras tarefas. As ciências humanas, especialmente as sociais, ofereceram um instrumental e uma análise capazes de descobrir as causas estruturais da opressão e de elaborar modelos alternativos. O interesse por dados da realidade, mediatizados por uma racionalidade científica, acha-se ao serviço da práxis transformadora da fé. Levando a resposta à pergunta: que sentido possui a libertação alcançada por Jesus Cristo dentro das condições de marginalidade, cativo e opressão do homem latino-americano? Pode-se afirmar que somente tem sentido histórico se a libertação escatológica e definitiva de Jesus Cristo for mediatizada em processos libertadores e se antecipa no seio da própria situação. A libertação econômico-política não é somente econômico-política em si mesma; em sua limitação processual constitui já a forma histórica como se manifesta no tempo a plena libertação. Possui, portanto, um conteúdo teológico que pode e deve ser almejado e promovido pela fé.



1.2 Práticas Pastorais da Teologia da Libertação

Para analisar a Igreja da América Latina, que muito tem despertado a atenção dos estudiosos, deve-se levar em consideração a realidade: Reino-mundo-Igreja. Essas três realidades estão intimamente interligadas, interdependendo-se entre si. Reino é a etapa final da criação de Deus, penetrada por este, absolutamente isenta de imperfeição; mundo é o local onde se dá a concretização histórica do Reino; e, finalmente, a Igreja é o meio através do qual o Reino será implantado no mundo e é também a própria personificação do Reino.

A Igreja só tem lugar porque o Reino não pôde se instalar definitivamente e porque havia uma base a sustenta-la, a fé de São Pedro. O Reino é o principal, a Igreja o secundário; o Reino é o todo, a Igreja é a parte; o Reino é a substância, a Igreja o seu sacramento-sinal; o Reino ficará, a Igreja desaparecerá; por isso nunca se poderá identificar Reino com Igreja. No máximo se poderá dizer que a Igreja é o sacramento-sinal-e-instrumento do Reino, bem como pode ser, lamentavelmente, o antissacramento do Reino. (BOFF, 2011, p.149).

Para que houvesse uma perfeita articulação Reino-mundo-Igreja, a reflexão deveria caminhar para compreender o Reino como um grande arco-íris sob o qual estão mundo e Igreja, sendo que o mundo é lugar de ação de Deus construindo seu Reino.

1.3 Igreja dos Pobres

Com a consciência do sistema capitalista, o povo necessita organizar-se para lutar por uma sociedade mais justa e menos desigual. Era o povo que decidia assumir seu próprio destino. O tema da libertação ganha conteúdos concretos e históricos. A fé cristã está ligada à libertação total do povo de Deus.

A Igreja, neste contexto, visa à libertação. É a Igreja dos pobres e com os pobres. A temática essencial é a mudança social em busca de uma convivência mais justa, de respeito aos direitos humanos e de justiça social neste mundo. A



ST 3: RELIGIÃO, FÉ, POLÍTICA E PROFETISMO

Igreja-comunhão inova o sentido e a função dos ministérios e a hierarquia passa a ser mero serviço interno. Com referência à articulação Reino-mundo-Igreja verifica-se uma forma própria de realizar a dialética destas relações. Reino é a utopia cristã que configura o destino terminal do mundo. Este Reino está em contínuo processo histórico e se localiza na construção da justiça e da fraternidade no direito dos pobres de construírem sua própria história. Portadores do Reino são todos os indivíduos, instituições e práticas que se orientam pelas ideias éticas intencionados pelo Jesus histórico. A Igreja é um portador qualificado e oficial, mas não exclusivo. O mundo é o mundo dos pobres, o submundo que deve ser transformado em mundo de convívio humano fraterno.

Embora inconfundíveis, não existe separação ou distância entre Cristo e o pobre. Não é, pois, que Cristo reenvie ao pobre, como se este estivesse fora dele. Não, no pobre encontra-se o Senhor. Importa aprender aqui a imediatez da revelação: o que se faz ao pobre se faz a Cristo. O pobre é mediação viva do Senhor, sua expressão real e não apenas um intermediário. (PIXLEY e BOFF. 1987. p.135)

Com a TdL uma nova Igreja surge, Igreja dos pobres, feita de pobres. É uma Igreja que renunciou definitivamente ao poder; seu eixo centralizador reside na ideia de Igreja-Povo-de-Deus, aberto à aventura histórica dos homens. Essa Igreja constrói-se dia a dia, abrindo-se a novos mistérios consoantes as necessidades da comunidade, direcionada para a totalidade da vida humana, inserida no mundo do trabalho e vivendo no coração do mundo secular o sentido e a inaudita alegria da ressurreição.

2 A FALA DOS SEM BOCA

Parece que um novo caminho se descortinou para a Igreja, mediante o novo pacto com os pobres. Os pobres são vistos numa perspectiva política, e não



ST 3: RELIGIÃO, FÉ, POLÍTICA E PROFETISMO

caritativa e assistencialista, pois são sujeitos de sua própria história. A Igreja em sua reflexão e prática está acompanhando essas transformações, esses desafios.

Nesse processo, buscou-se rever a tentativa de ser a Igreja a voz dos pobres, pois, em alguns casos, redundava na criação de seres que já oprimidos e sem voz, passariam a ficar sem boca, pois a sua fala passava a ser feita por outro ator social. Olhar o pobre como sujeito histórico, contribuiu para este passo adiante.

Na reflexão sobre a invisibilização e, sobretudo, o silenciamento da voz, Spivak (2010) aponta a categórica necessidade dos subalternos (nesse caso, pobres, os leigos e leigas, etc.) “falarem” ou terem autonomia. Essa autora apresenta a importância do oprimido estar no centro do processo de construção do conhecimento – e, por conseguinte, de sua própria autonomia –, ideia também enfatizada por Achugar (2006) quando aponta a importância dos “balbucios teóricos”, nesse sentido quando a teologia, enquanto um conhecimento, volta seu olhar para esquecidos, os invisibilizados, está dando voz aos oprimidos.

Para tanto, pode-se tomar como exemplo as práticas catequéticas que, alicerçadas em bases conceituais emancipatórias, conduziram a este processo.

A teoria da aprendizagem desenvolvida por Paulo Freire, e basilar no seu pensamento, surge como consequência de suas convicções filosóficas sobre a liberdade, a autodeterminação e autonomia humana. Se o conhecimento e condição para a liberdade e para a autonomia, logo é preciso saber como o homem aprende, para poder pensar em como liberta-se. A aprendizagem, como meio, seve a um fim, o da conquista da liberdade. (OLIVEIRA NETO. 2019. p.13)

Em suma, Achugar (2006) ressalta que a voz dos subalternos não é constituída somente pela voz destes, mas diz respeito também ao conjunto de construções empíricas, as quais ele chama de “balbucios teóricos”, que tratam dessa subalternidade e que, muitas vezes, não são reconhecidas, ficando à margem, na subalternidade da Igreja, da academia, enfim, “silenciados”. Nesse sentido, é extremamente relevante evidenciar as vozes, os “balbucios” dos



I SEMANA NACIONAL DE
**TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO**
I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:
Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 3: RELIGIÃO, FÉ, POLÍTICA E PROFETISMO

190

silenciados, dos sem direito a falar, a opinar, a participar efetivamente da Igreja enquanto uma instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Continua sempre viva a Igreja que emerge na periferia. A fé nasce e se faz presente pelo testemunho pessoal; não é amparada e velada pela instituição. Obviamente ela causa desconfiância na velha Igreja, mas ela deve ser evangélica. O futuro da Igreja-instituição reside nessa Igreja nova. Finalmente, surge uma Igreja nova, nascida nos porões da humanidade.

Sabe-se que Jesus não pregou a Igreja, mas o Reino de Deus, que significa libertação para o pobre, consolo para os que choram, justiça, paz, perdão e amor. O poder de Jesus é o poder do amor de Deus. A pregação de Jesus ia de encontro às formas empíricas de poder que encontrou em seu mundo. Infelizmente, aquilo contra o que Cristo mais pregava, o exercício do poder-dominante, vingou na Igreja-instituição.

Neste sentido, o então Arcebispo Bergoglio, em um texto escrito em 2013, nos momentos preparatórios para o conclave do qual ele sairia Papa Francisco, afirma que a Igreja deve abandonar o seu caminho autorreferencial e ir as periferias geográficas e existenciais para a vivência do Evangelho (AGENZI INFO SALESIANA. 2019).

Arrematando a discussão afirmando que “estamos ainda caminhando para a Galileia gritando e cantando: ‘vem, Senhor Jesus, Maranatha’, como quem espera a madrugada, depois de uma longa e tormentosa noite.” (BOFF, 2011, p.189). A Igreja no mundo em uma condição de inter-relação na vivência do Reino.

REFERENCIAS

ACHUGAR, H. **Planeta sem boca**: escritos sobre arte, cultura e literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. (Tradução de Lyslei Nascimento).



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 3: RELIGIÃO, FÉ, POLÍTICA E PROFETISMO

191

AGENZI INFO SALESIANA. Cidade do Vaticano – O Cardeal Bergoglio propôs: “Um Pontífice que ajude a sair para as periferias existenciais”. Disponível em: <<http://www.infoans.org/pt/secoes/noticias/item/2854-cidade-do-vaticano-o-cardeal-bergoglio-propos-um-pontifice-que-ajude-a-sair-para-as-periferias-existenciais>>. Acesso em 13 de set de 2019.

BOFF, Leonardo. **Cristianismo**: o mínimo do mínimo. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

OLIVEIRA NETO, J. F. de. **Educação libertadora e catequese**: viabilidade do método psicossocial de Paulo Freire em uma catequese antropológica. Mossoró-RN: Sarau da Letras, 2019. (Manoel Vieira Guimarães Neto: colaborador)

PIXLEY, J.; BOFF, C. **Opção pelos Pobres**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. (Coleção Teologia e Libertação; Série I “Experiência de Deus e Justiça”).

RATZINGER, J. **Instrução sobre alguns aspectos da TdL**. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html#top> Acesso em: 13 de set 2019.

SPIVAK, G. C. **“Pode o subalterno falar?”**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. (Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa).